

O ALCANCE DAS AÇÕES AFIRMATIVAS E O DISCURSO DO MÉRITO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA-UESB

THE REACH OF AFFIRMATIVE ACTION AND ADDRESS OF MERIT IN THE STATE UNIVERSITY OF SOUTHWEST OF BAHIA-UESB

Fernanda Dione Sales de Souza

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB.
Especialista em Ensino de Geografia do Brasil e Educação e Diversidade Étnico Cultural.

nandadione@hotmail.com

Janyne Barbosa

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB.
Especialista em Educação e Diversidade Étnico Cultural e mestre em Educação.

jany462@yahoo.com.br

Resumo:

O artigo em questão analisa a realidade da aceitação dos cotistas negros da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista-BA no ano de 2016. Este estudo propõe uma investigação desde o começo desta ação afirmativa na referida instituição, até os dias atuais. A pesquisa desenvolvida se caracteriza como um estudo de caso descritivo de natureza qualitativa, em que entrevistas semiestruturadas, questionários fechados, pesquisa documental e bibliográfica foram utilizados como instrumentos de coleta de dados com o objetivo de averiguar a aceitação dos cotistas negros esta comunidade acadêmica. Percebeu-se que a atenção dada à realidade educacional dos cotistas negros da UESB, oportunizou uma manifestação do ponto de vista docente e cotista inserida nesta instituição, possibilitando o surgimento de falas e discursos reveladores das intempéries e dificuldades enfrentadas pelos cotistas negros, sobretudo, no reconhecimento de seus atributos intelectuais, na reafirmação de sua raça, cultura e condições socioeconômicas. Os resultados revelaram que é necessária adequação desta política afirmativa com o intuito de acentuar o desempenho candidatos cotistas no vestibular, bem como amadurecimento dos discursos meritocráticos que rondam a instituição.

Palavras-chaves: Sistema de cotas, Ação afirmativa, Meritocracia.

Abstract

The article in question looks at the reality of the acceptance of black shareholders at the State University of Bahia (UESB), Vitoria da Conquista-BA campus in the year 2016. This study proposes an investigation from the beginning of this affirmative action in the institution, until nowadays. The research conducted is characterized as a descriptive

case study of a qualitative nature, in which semi-structured interviews, closed questionnaires, documentary and literature were used as data collection instruments in order to verify the acceptance of black shareholders this academic community. It was noticed that the attention given to the educational reality of black shareholders of UESB, provided an opportunity a manifestation of the teaching point of view and inserted shareholder in this institution, allowing the appearance of lines and revealing speeches from the weather and difficulties faced by black shareholders, especially in the recognition of their intellectual attributes, the reaffirmation of their race, culture and socioeconomic conditions. The results revealed that it is necessary adequacy of affirmative action in order to accentuate the candidatesunitholders performance in the entrance exam and maturation of meritocratic discourse that surround the institution.

Keywords: quota system. affirmative action. Meritocracy.

Introdução

Diante do panorama da formação histórica social do Brasil, é compreensível que o lema da inclusão social e educacional das classes desprivilegiadas brasileiras tenha se tornado uma máxima nas discussões políticas e sociais praticadas nas instâncias acadêmicas e midiáticas. (JESUS, 2013, p.1). O ingresso das minorias nas instituições de ensino superior no Brasil se tornou uma preocupação privilegiada pelo Estado e pelas instituições públicas de ensino superior, em detrimento da preocupação com as condições de permanência e aceitação de tais minorias ao longo da realização dos cursos de graduação.

Tendo em vista esta observação, percebe-se que a atenção dada às análises e investigações da realidade educacional dos cotistas negros da UESB, oportunizou uma manifestação do ponto de vista ou da vertente cotista inserida nesta instituição. Possibilitando o surgimento de falas e discursos reveladores das intempéries e dificuldades enfrentadas por este público, sobretudo, no reconhecimento de seus atributos intelectuais, na reafirmação de sua raça, cultura e condições socioeconômicas.

A vertente dos docentes da instituição referida também obteve atenção neste estudo, entendendo que, assim como os discentes negros, os docentes também estão inseridos e atuantes neste cenário.

Desta maneira, tal estudo se apresenta importante para o amadurecimento das políticas públicas e adequação do pensamento da comunidade acadêmica às discussões sócio educacionais e étnico-raciais de seu tempo e espaço. Com o intuito de promover também, maior aceitação e reconhecimento destes sujeitos na sociedade civil e acadêmica vigentes, assim como no mercado de trabalho. O questionamento que cerca esta proposta de estudo surgiu após o amadurecimento das discussões e leituras mais apropriadas das temáticas raciais, étnicas e culturais na educação por meio do curso de pós-graduação *lato sensu* em Educação e Diversidade Étnico Cultural oferecido pela UESB.

As observações pessoais acerca da ausência de reconhecimento devido da comunidade acadêmica, a real participação dos cotistas negros na afirmação e reafirmação de conhecimentos e teorias acadêmicas, também foi responsável por um interesse especial por este tipo de estudo.

Verifica-se que há um discurso preconceituoso no meio acadêmico que evidencia que o sistema de cotas facilita o acesso dos negros no ensino superior, em detrimento da devida importância a ser dada ao mérito intelectual no vestibular. A valorização do mérito e a exigência de maneira exacerbada aos cotistas negros inseridos nas universidades públicas é uma constante no discurso de muitos docentes no meio acadêmico, sobretudo, na seleção do vestibular.

Costumeiramente afirma-se que os discentes cotistas escrevem mal e formulam mal as ideias. Que carregam as deficiências intelectuais e cognitivas oriundas das mazelas da educação básica pública, as quais, tais sujeitos não conseguem superar, e por esta razão, necessitam do sistema de cotas ou de ações afirmativas para garanti-los o ingresso nos cursos superiores das instituições públicas.

A meritocracia³ ignora as deficiências do Estado em oportunizar de maneira igualitária, gratuita e de qualidade a educação escolar e acadêmica a grande parte da população desprivilegiada socioeconomicamente, bem como aos negros, índios e deficientes no Brasil.

³Pelo Dicionário Informal de Português (da Web), Meritocracia (do latim *mereo*, merecer, obter)

A vinculação errônea de que as ações afirmativas são criadas para atenderem a falta da capacidade intelectual e cognitiva das minorias, isenta ao menos no discurso, a responsabilidade do Estado e de outras instituições, pela oferta de oportunidade ou de condições adequadas para que os sujeitos exerçam plenamente sua cidadania e o ingresso igualitário ao mercado de trabalho, assim como a uma educação pública de qualidade.

Quanto aos estudantes cotistas negros, a inserção dos mesmos na vida acadêmica não resulta de maneira definitiva em declínio de suas dificuldades socioeconômicas e educacionais, mas sim do advento de dificuldades novas, bem como a permanência nos cursos de graduação e o reconhecimento e aceitação de seus atributos intelectuais e cognitivos pela comunidade acadêmica.

Por tais afirmações que o cerne desta proposta de estudo se direcionou a investigar e revelar a essência das relações educacionais no tocante à realidade dos negros cotistas na UESB, pois insita um relevante questionamento sobre quais seriam as condições adequadas de aceitação das capacidades intelectuais e cognitivas dos cotistas negros na referida instituição? .

Este estudo apresenta relevância, pois propõe atender a uma demanda acadêmica e social, alvitrando o amadurecimento dos discursos sobre o sistema de cotas na UESB e o que cinge a realidade dos discentes negros nas instituições superiores de ensino. O mesmo conta também com uma breve reflexão acerca das discussões dos temas raciais na sociedade e na escola, seguido das considerações das discussões que abrangem o sistema de cotas e a meritocracia tanto na sociedade quanto por meio da comunidade acadêmica.

A metodologia que cercou este estudo, assim como os teóricos utilizados na tentativa de fundamentar adequadamente a utilização dos instrumentos de pesquisa e conceitos presentes neste artigo, também foram justificados abaixo. Como almejado por esta proposta de pesquisa, foi considerado o posicionamento ideológico e o posicionamento dos docentes e discentes da UESB por meio dos tópicos: “desdobramentos da pesquisa: posicionamento docente e discente” por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários, os quais foram descritos e analisados abaixo.

Para finalizar o artigo, algumas considerações foram expostas na tentativa de elucidar de maneira mais clara e geral a situação dos discentes negros cotistas na Uesb, Revista Eletrônica Georaguaia. Barra do Garças-MT. V 6, n.2, p. 61 - 94. Agosto/Dezembro. 2016

bem como, uma visão mais realista que prevê em curto prazo, os debates futuros e andamentos a esta temática.

Tabela 1: O quadro abaixo esquematiza o perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Perfil dos sujeitos da pesquisa (Discentes)		
CURSOS	SEMESTRE	FAIXA ETÁRIA
DIREITO	5°	21
COMUNICAÇÃO	IRREGULAR	28
FÍSICA	3°	21
AGRONOMIA	7°	27
Perfil dos sujeitos da pesquisa (Docentes)		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINAS	
HISTÓRIA	História Medieval e Educação, Cultura e Identidades	
GEOGRAFIA	Metodologias e práticas do ensino de geografia I e II Estágio supervisionado em Geografia	

FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	Introdução à filosofia
---	------------------------

Oscaminhos da pesquisa

Por razão do que foi apresentado até então acerca do cerne deste estudo, o qual averiguou a aceitação da capacidade intelectual e cognitiva dos sujeitos cotistas e negros na UESB, é significativo demonstrar os recursos teórico-metodológicos utilizados para o alcance dos resultados que serão apresentados em seguida.

O método dialético assegurou o trabalho com as contradições e a totalidade dos fatos analisados, compreendendo que os indivíduos alvo deste estudo são seres históricos e culturais e, portanto, contribuintes na formação do cenário sócio educacional em construção na UESB. Contou-se também com a pesquisa qualitativa, pois se utilizou de dados nem sempre mensurados numericamente e envoltos em aspectos subjetivos, mas não menos precisos, como por exemplo, as narrativas e discursos impressos nas falas dos cotistas negros e dos docentes da referida instituição.

Sobre a pesquisa qualitativa NUNES (2010, p.40) afirma que a mesma [...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis [...], ou seja, existem aspectos que cercam os fenômenos, os quais não se revelam por interpretações variáveis ou numéricas apenas, mas sim por um universo de significados e sentidos invariáveis.

Segundo com Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa apresenta cinco características básicas:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrição de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos e documentos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.

4. A análise de dados tende a seguir um processo indutivo.
5. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são foco de atenção especial pelo pesquisador.

ão este estudo apoiou-se na adoção do estudo de caso como estratégia de pesquisa que, segundo CHIZZOTTI (2003), constitui uma modalidade de investigação bastante utilizada atualmente na atividade educacional, com vistas a reunir informações sobre determinado produto, evento, fato ou fenômeno social contemporâneo complexo, situado em seu contexto específico. Esta escolha se justifica pela alternativa que o estudo de caso apresenta na descrição e compreensão da realidade estudada, além de poder encontrar “no estudo de caso condições de realização investigativa que favorecem o desenvolvimento de diferenciadas vias teóricas e metodológicas” (SARMENTO, 2003, p. 139).

A aplicação de questionários fechados e entrevistas semi estruturadas se direcionaram, como mencionado anteriormente, aos docentes e cotistas negros da referida instituição. Alocados respectivamente nos departamentos dos cursos de Geografia (DG), história (DH) e Filosofia, Ciências e humanas (DFCH) e cursos de Direito, Comunicação, Física e Agronomia.

Os dados recolhidos por meio dos questionários e das entrevistas inicialmente foram transformados em fragmentos de falas e posicionamentos, em que os referidos autores não foram identificados.

Tais fragmentos de falas e posicionamentos foram reveladores da realidade da aceitação dos cotistas negros na UESB, bem como reveladores também, da visão que os docentes obtinham da qualidade intelectual e desenvolvimento acadêmico dos cotistas negros, assim como críticas pertinentes acerca do sistema de cotas e das ações afirmativas.

A pesquisa bibliográfica por sua vez, foi responsável pelo embasamento teórico que acompanhou as reflexões acerca dos posicionamentos ideológicos e observações feitas pelos sujeitos desta pesquisa. Bem como, grande contribuição as discussões referentes a cotas, ação afirmativa e meritocracia.

Em seguida, a pesquisa documental realizada no banco de dados da Copeve (Comissão Permanente do Vestibular), trouxe informações relevantes aos questionamentos propostos por este estudo, acrescentando significativo avanço qualitativo ao mesmo.

Os subtítulos escolhidos para dar seguimento às descrições e andamentos deste estudo sugerem o seguinte: em “Os temas raciais e a educação escolar” o desejado foi expor brevemente as origens dos discursos meritocráticos e preconceituosos em relação aos negros desde a educação escolar. Em “As ações afirmativas” o objetivo é expor conceitos e posicionamentos de alguns autores acerca desta temática. Em “O sistema de cotas na Uesb” propôs-se revelar as regras e condições do sistema de cotas na UESB.

Em “Desdobramentos da pesquisa: o posicionamento docente, Desdobramentos da pesquisa: o posicionamento discente e Vertente cotista: críticas pertinentes à realidade da aceitação das minorias negras na UESB” percebem-se o posicionamento dos sujeitos da pesquisa, docentes e cotistas negros, por meio de declarações que tiveram origem nas entrevistas semiestruturadas e questionários fechados.

“O que revela a Copeve” foi direcionado a demonstrar os dados e observações feitas acerca dos documentos do vestibular da UESB, os quais revelam foram fornecidos pela comissão específica da referida instituição, como proposto inicialmente por este estudo. Em “As questões raciais no ensino superior e na sociedade” discute o cerne deste estudo, o qual trata, sobretudo, das discussões raciais por meio das ações afirmativas para negros na universidade.

Os temas raciais e a educação escolar

Acerca das abordagens sobre as desigualdades socioeconômicas entre os indivíduos na contemporaneidade, com facilidade depara-se com vasta produção literária oriunda de ciências afins, as quais justificam por meio de fatores históricos ou por meio das relações religiosas, políticas e culturais voltadas aos interesses dos colonizadores europeus; explicações palpáveis e lógicas que culminam em classes sociais estratificadas e antagonicas convivendo de maneira divergente desde a antiguidade.

Na educação escolar as noções propagadas sobre o tema também proporcionam aos discentes uma reflexão crítica acerca das relações desiguais entre os sujeitos na sociedade atual, as quais se justificam mais uma vez, nas origens dos interesses mercantilistas e expansionistas dos povos europeus. Tais conhecimentos são automaticamente invocados pelos discentes do ensino fundamental e médio quando o

assunto é opressão e subjugação socioeconômica dos povos sulistas e das classes sociais subdesenvolvidas no mundo.

Contudo, as questões étnicas, raciais e culturais, sobretudo acerca da cultura negra, são temas muitas vezes negligenciados ou ainda sendo lentamente discutidas pela sociedade no geral. Pode-se afirmar que mencionada pela educação escolar apenas em data oportuna, no dia 20 de novembro denominado de consciência negra, determinação da lei federal 12.519/2011 e pela obrigatoriedade do trabalho com disciplinas que tratam da afro descendência brasileira através da lei 10.639/2003.

Já a mídia escrita e televisiva acomete acerca de temas relacionados aos indivíduos negros quando estes estão envolvidos enquanto vítimas de atos de racistas ou injúria racial. Ou ainda quando são feitas referências ao talento artístico de uma figura negra pública.

As considerações feitas às contradições no trato do tema racial tanto nos ambientes escolares quanto nos ambientes midiáticos são obviamente estranhas, pois a construção histórica da desigualdade socioeconômica da população brasileira por razão da exploração colonizadora, a qual está latente no senso comum dos indivíduos; não ocorreu isoladamente ou em espaços e tempos distintos da escravização e massacre dos povos africanos trazidos forçadamente para as colônias brasileiras. Segundo Silva:

[...] A escravidão se espalhou pela América no período da colonização e permaneceu por séculos. Mais tarde, por pressões internacionais foi, aos poucos, sendo abolida, deixando, porém, uma cultura racista impregnada nos homens, mediante uma cultura que preza apenas o exterior do ser humano e a sua condição social [...]. (SILVA; 2005, p. 93)

Pelo contrário, ambas ocorreram de maneira concomitantes, e juntas construíram a história cultural do povo brasileiro. Tendo em vista esta afirmação, por que dar mais atenção à determinada condição de exploração - a socioeconômica por exemplo - e desprivilegiar a sociocultural, racial e étnica responsável pela formação identitária brasileira? Por esta mesma perspectiva de observação da realidade dos negros no âmbito educacional e do reconhecimento de suas identidades, a autora Coelho afirma que:

[...] A obrigatoriedade no sistema de ensino brasileiro de disciplinas que discutissem a História da África e dos africanos e sua contribuição para a formação histórica do Brasil. Nesse sentido, a Lei 10.639/2003 representa o atendimento de uma demanda antiga Movimento Negro, e versa sobre a obrigatoriedade da vinculação de conteúdos que contemplem a História da África e Cultura Afrobrasileira, se apresentando como uma forma de tentar reverter essa desigualdade e a falta de visibilidade social no campo da educação, mesmo com algumas críticas quanto à sua formulação e meios de execução efetiva (SALES, 2005).[...] (COELHO; p. 11, 2010).

Segundo a autora a temática racial vem tomando amplitude no ambiente escolar através da lei 10.639/2003, fato que torna um pouco menos restrito o entendimento ou reconhecimento das representações da identidade negra na comunidade escolar. Reafirmando desta forma, a responsabilidade da educação em estimular o posicionamento de cunho democrático sobre as relações sociais e raciais, assim como pensamentos críticos e reflexivos das mazelas presentes nos espaços sociais e educacionais.

Reconhece-se o avanço legal desta proposta para a educação escolar sobretudo, contudo sabe-se também, que é urgente o acompanhamento do cumprimento da mesma e em como esta tem sido realizada em sala de aula. Este por si só geraria outro estudo em outro momento, o qual seria tão emergente quanto o destacado neste artigo.

No momento cabe abarcar a realidade da abrangência dos temas raciais tanto no ensino superior, cuja proposta é o cerne deste estudo, quanto na sociedade

As questões raciais no ensino superior e na sociedade

No cenário acadêmico, o qual se aloca as abordagens deste estudo, a situação não difere significativamente das apontadas acima em relação a educação escolar. As discussões acerca das representações étnico-raciais e identidade resistem e são difundidas na contemporaneidade com mais veemência no seio dos movimentos sociais e políticas afirmativas, como por exemplo, na tentativa do Estado em oportunizar um número maior de vagas nas universidades públicas para os negros excluídos socialmente, por meio do sistema de cotas.

Acerca do sistema de cotas Bezerra e Gurgel

[...] È uma tentativa de minorar a realidade excludente da universidade brasileira, como também colocar na pauta o debate sobre a democratização do acesso a universidade brasileira fazendo uma reflexão acerca do baixo número de jovens menos favorecidos que ascendem ao ensino superior brasileiro, discutindo a ampliação desse ingresso e de mecanismo mais equânime nas políticas públicas, sem que haja perda de qualidade na formação [...] (2012, p.96)

Quanto às ações discriminatórias e racistas³ na sociedade brasileira, que consistem em atos vexatórios e ofensivos a indivíduos e grupos negros, há discussões teóricas mais recentes que afirmam que muitas pessoas não reconhecem o racismo brasileiro, conceito este que “segundo as teorias mais recentes, é mais do que discriminar ou ter preconceito racial, é uma ideologia que estabelece relação hierárquica entre características raciais e culturais e dissemina ideias de que algumas raças são, por natureza, superiores a outras” (SILVA; 2005, p. 94), por entenderem que o Brasil é democrático e formado por uma população de maioria afrodescendente e diversa de culturas, e por esta razão, um país em que não se encontram casos de discriminação racial como afirma o “mito da democracia racial” (SILVA; 2006, p. 499)

Melo Silva afirma acerca da democracia racial que:

[...] através de teorias científicas, a ideia de um país cordial, sem discriminação racial. Porém, há um racismo camuflado, disfarçado de democracia racial, o que o torna mais perigoso, pois não se sabe de onde ele vem, dificultando as formas de combatê-lo [...]. (SILVA, 2005, p 93.).

A este respeito Barreto também afirma que:

[...] Quanto ao argumento de que a ausência de “preconceito” ou a aceitação generalizada dos valores anti-racistas seria um “cimento” que uniria toda a sociedade brasileira, caberia notar que, de fato, as pesquisas empíricas realizadas sobre o tema no Brasil confirmam que a maioria da população tende a responder negativamente às perguntas que tentam captar a existência de preconceito racial (Barreto e Oliveira, 2003; Souza e Hoellinger, 2000; Turra e Venturi, 1995) [...] (BARRETO, 2004, p.131)

Talvez por esta razão, os atos atrozos de racismo e discriminação têm sido costumeiramente negligenciados, mesmo estando cada vez mais frequentes em redes sociais e em outras instâncias educacionais e públicas da sociedade brasileira.

³ Apenas a algum tempo a temática da discriminação racial vem sido discutida com mais ênfase, por alguns autores, pois prevalece ainda hoje a visão difundida por Gilberto Freire de que o Brasil é uma democracia racial

Esta falácia, no entanto, não mascara o que está evidente nos ataques a negros nas redes sociais, escolas, espaços públicos e privados e em outras instâncias e formas de preconceito. Ao contrário, evidencia e incoerência deste conceito com a realidade social que cerca os sujeitos no Brasil e no mundo.

Contudo, para minimizar o cenário sócio racial exposto acima é que as ações afirmativas surgiram.

As ações afirmativas

Acerca de ações afirmativas para os negros no Brasil e o multiculturalismo na educação Munanga afirma que:

[...] O debate sobre políticas de ação afirmativa e sobre o multiculturalismo na educação surge desse contexto universal e está na pauta de muitos países do mundo contemporâneo. O Brasil, um país que justamente nasceu do encontro das culturas e das civilizações, não pode fugir dele. (MUNANGA; REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, 2006).

A consideração à existência do multiculturalismo histórico do povo brasileiro já vem sendo feita há tempos e existe uma grande relação do multiculturalismo na educação, contudo, a ideia do multiculturalismo ao invés de salientar as diferenças étnicas e raciais, promovendo um apelo a valorização da diversidade, muitas vezes age de maneira contraditória, camuflando a diversidade. “Esta diversidade não foi e hoje o é, com muita dificuldade, aceita” (SILVA, p.493).

As políticas públicas devem reforçar a importância do reconhecimento multicultural brasileiro, em detrimento da teoria da mistura racial. Ainda sobre o tema Munanga explica que:

[...] O melhor debate, a meu ver, é aquele que acompanha a dinâmica da sociedade através das reivindicações de seus segmentos e não aquele que se refugia numa teoria superada de mistura racial, que por dezenas de anos congelou o debate sobre a diversidade cultural no Brasil, que era visto como uma cultura

sincrética e como uma identidade unicamente mestiça. [...] (MUNANGA; REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, 2006).

Acerca das políticas afirmativas o autor ressalta a importância de aprofundar o debate intelectual e crítico sobre o que vem sendo praticado com o intuito de promover a valorização e o respeito à cultura afro-brasileira e avançar no objetivo de inclusões socioeconômicas e educacional dos negros. Contudo, o autor afirma também a devolução do olhar crítico a tais práticas e experiências, ou seja, “aparar as arestas” ou ajustar as ações afirmativas e seus verdadeiros intuitos e práticas, ao contexto da vida dos negros no Brasil.

Algumas vezes as ações afirmativas a fim de promoverem os indivíduos excluídos à cidadania e a inserção na sociedade, não amadurecem ideologicamente e reflexivamente a luta dos negros, assim como a de outros grupos excluídos socialmente, aos quais também há ações afirmativas sendo implementadas para atenderem as suas necessidades, os índios e portadores de necessidades especiais por exemplo.

Bezerra e Gurgel esclarece que o sistema de cota fixa:

[...] é um tipo de ação afirmativa, através do qual, em um processo competitivo por bens sociais, reserva-se um percentual de vagas para os membros de um determinado grupo social, avaliado como historicamente prejudicado. [...] (BEZERRA E GURGEL; 2012 p. 102)

Criticamente Nunes acrescenta que:

[...] As cotas permitem discriminações justas, ou seja, discriminações que devem ser feitas em razão da igualdade material, como forma de compensar a desigualdade de oportunidades, ou, em alguns casos, de fomentar o desenvolvimento de setores considerados prioritários [...] (NUNES; 2011, p.112)

A busca pela igualdade racial deve passar pela consideração as relações desiguais entre brancos e negros em várias instâncias e neste caminho deve-se pensar em oportunizar também de maneira justa as vagas de emprego, as vagas universitárias entre outras. Os instrumentos de pesquisa e conceitos que nos trouxeram a esta afirmação seguem abaixo.

O sistema de cotas na Uesb

A UESB tem sua sede na cidade de Vitória da Conquista, situada na Mesorregião do Centro-Sul do Estado da Bahia. Dista 510 km da cidade do Salvador, capital do Estado.

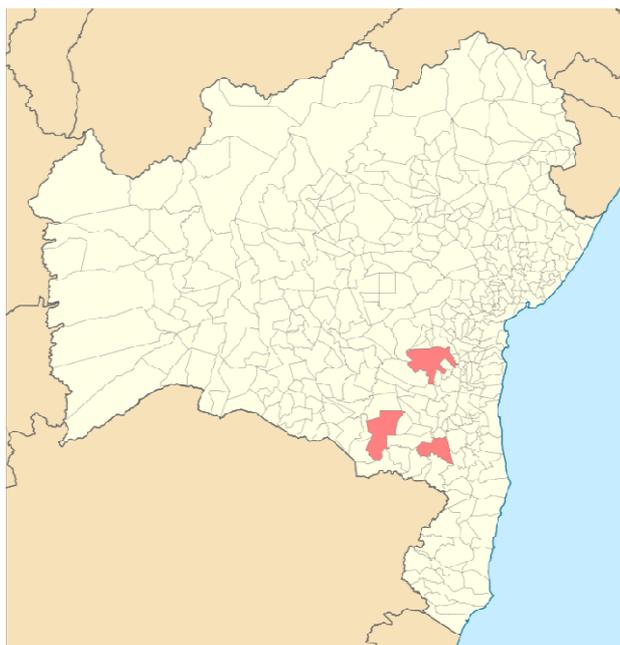


Ilustração 1: Mapa da Bahia com os municípios com *campi* da UESB

O surgimento da UESB vai ocorrer a partir da política de interiorização do Ensino Superior, contida no Plano Integral de Educação do Governo do Estado, de 1969, com a instalação das Faculdades de Formação de Professores, nos municípios de Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana e Alagoinhas, que se somava à Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco-FAMESF, criada na década de 50.

No início de 1984, a partir de convênio entre a UESB e a Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão-FAPEX e, sob a coordenação do Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público-ISP, da Universidade Federal da Bahia, foi elaborada a “Carta Consulta”. Após dois anos de trabalho, este documento foi entregue ao Conselho Estadual de Educação, para autorização de funcionamento da UESB, em sistema multi-campi, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

Segue abaixo algumas informações sobre o total de cursos por campus da Uesb e mais algumas informações sobre as graduações.

A UESB foi Recredenciada por 08 (oito) anos através do Decreto nº 16.825, DOE 05.07.2016.

Tabela 2: Totais dos cursos por campus								
Campus	Modalidade		Qtde	Vagas	Aut	Rec	Ren	Nova Ren
	Lic	Bac						
Vitória da Conquista	10	12	22	1.065	22	19	7	-
Jequié	8	8	16	660	16	13	6	1
Itapetinga	4	5	9	290	9	7	2	-
Total geral	22	25	47	2.015	47	39	15	1

Tabela 3: Dados da graduação

Graduação + Pós-Graduação versus Efetivos e Temporários						
Campus	Seguimento			Comparativo		
	Aluno	Professor	Técnico	Al/Pro	Al/Téc	Pro/Téc
VCA	4.484	527	540	8,50	8,30	0,97
JEQ	2.704	448	161	6,03	16,79	2,78
ITAP	1.458	146	109	9,98	13,37	1,33
Total	8.646	1.121	810	7,71	10,67	1,38

base: Maio-2014.

Fonte: SGC/PRARH/PROGRAD

Já a reserva de vagas nesta instituição e neste campus surgiu em 2008 quando o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) definiu que 50% das vagas de cada curso de graduação da Uesb seriam destinadas ao sistema de cotas, que são essencialmente voltadas para estudantes que cursaram os Ensinos Fundamental, Médio, Supletivo ou modalidades equivalentes em escolas públicas. "Esses 50% que são direcionadas a optantes por cotas também estão divididas: são 70% das vagas para alunos que se autodeclararem negros e 30% para alunos de escola pública apenas", explica Alana Muniz, coordenadora da Comissão do Vestibular (Copeve), da Universidade.

“E tem também as cotas adicionais, que para cada curso disponibilizamos uma vaga específica para indígena, quilombola e para pessoa com deficiência”, complementa Muniz. Assim, ao se inscrever, o candidato deve ficar atento a qual categoria se enquadra, uma vez que, para todas elas, será necessário apresentar documentação comprobatória no ato da matrícula, caso seja aprovado.

A escolha da categoria tem, ainda, relação direta com a classificação. O candidato inscrito no processo seletivo concorre unicamente de acordo com a opção assinalada durante a inscrição - optante por cotas sociais, cotas étnico-raciais, cotas adicionais ou não optantes, disputando o ingresso somente com os candidatos inscritos na mesma opção. Ou seja, a colocação que aparece no boletim de desempenho não se refere à classificação geral e sim à posição em que o candidato ficou classificado dentre aqueles que também optaram pela mesma categoria.

“E tem também as cotas adicionais, que para cada curso disponibilizamos uma vaga específica para indígena, quilombola e para pessoa com deficiência”, complementa Muniz. Assim, ao se inscrever, o candidato deve ficar atento a qual categoria se enquadra, uma vez que, para todas elas, será necessário apresentar documentação comprobatória no ato da matrícula, caso seja aprovado.

Os candidatos que optarem pelo ingresso através do critério de reserva de vagas ou quotas adicionais deverão apresentar, no ato da matrícula, documentação comprobatória das exigências para ocupação das vagas, emitida por instâncias competentes, observando as condições estabelecidas na Resolução nº 37/2008, alterada pelas Resoluções nºs. 21/2010 e 67/2010, sob pena de serem desclassificados.

Observa-se que as normas que norteiam o sistema de cotas na UESB possui condições legislativas adequadas e comprometidas com a lisura do processo seletivo. Infelizmente, o que nos deparamos com frequência, e isto ocorre em todas as instituições de ensino superior que adotaram esta ação afirmativa, é que há muitas investidas dos candidatos em apresentarem documentos falsos no momento de provarem origem de remanescente de quilombo, entre outras situações fraudulentas. Sobre esta questão o que se pode indicar é que se aumente a rigorosidade na avaliação de tais documentos e em casos de comprovação da fraude, que se aplique uma punição justa que iniba mais investidas desta natureza.

O mais relevante é avançar cada dia mais nas problemáticas que ainda cercam as ações afirmativas e as reservas de vagas. Abaixo segue o posicionamento da Comissão

Permanente do Vestibular da Uesb (Copeve) e dos docentes da mesma quanto à situação dos negros cotistas e do próprio sistema de cotas da instituição.

Desdobramentos da pesquisa: o posicionamento docente

Como foi afirmado anteriormente, as narrativas dos docentes da UESB, estes alocados(as) em diferentes departamentos da instituição e não identificados na pesquisa, foram importantes recursos reveladores dos posicionamentos ideológicos de tais sujeitos quanto as políticas afirmativas no ensino superior, assim como as condições sócio educacionais e econômicas dos cotistas negros na referida instituição.

Questionários fechados foram aplicados aos docentes no intuito de perceber de maneira inicial e mais ampla a avaliação do desempenho intelectual e acadêmico que os mesmos faziam dos cotistas negros ao longo das orientações e das atividades didático pedagógicas das disciplinas. Além de perceber o discurso que reverbera sobre as políticas afirmativas.

Importantes afirmativas foram feitas pelo (a) docente mestre (a) do Departamento de História (DH) que ministra os temas História Medieval e Educação, Cultura e Identidades, os quais demonstram ideologicamente que há um amadurecimento significativo no discurso acerca das políticas afirmativas e da sua perspectiva quanto ao desempenho dos discentes nas disciplinas ministradas, segundo a fala do mesmo (a) que afirma:

“Sou de opinião favorável a toda estratégia política assentada sobre os princípios da reparação e da inclusão social”.

Este posicionamento retoma o exposto por Bezerra e Gurgel, os quais asseguram que: “o sistema de cotas é um instrumento de política pública de inclusão, bem mais do um recurso destinado a facilitar o acesso ao ensino formal

“Não tenho conhecimento sobre quais dos meus alunos ou orientandos são cotistas. As dificuldades dos alunos não são diferentes daquelas observadas no período anterior à implantação das políticas afirmativas e diferenças

deformação e desempenho sempre existiram no curso de história”

Da mesma forma, outro docente do mesmo departamento, o qual ministra sobre *Planejamento Educacional e Prática de Ensino*, afirma que:

“As políticas afirmativas são necessárias mas insuficientes” e que “Não há diferença de desempenho intelectual entre cotistas e não cotistas, todos pagam o preço da educação que receberam”.

As cotas constituem uma medida sem valor, tendo em vista que o verdadeiro problema é a péssima qualidade da educação pública, nos níveis que antecedem a universidade (Bezerra ; Gurgel 2012). Nestas condições, a universidade acaba por se constituir em mais um fator de desigualdade ou de consolidação e aprofundamento da desigualdade existente (Bezerra e Gurgel 2012).

Pode-se perceber que na fala apresentada pelo(a) referido(a) docente há uma consideração a qualidade da educação básica recebida pelos cotistas. “todos pagam o preço da educação que receberam”, este fragmento demonstra que há um posicionamento crítico sendo feito quando aos conteúdos prévios que são recebidos pelos discentes antes de adentrarem a universidade, e que a qualidade de tais conteúdos são identificados de maneira generalizada. Contudo, aqui também se percebe de maneira subjacente, um discurso que atribui a alguém a responsabilidade da deficiência ou eficiência conteudista dos estudantes universitários. É considerável também como observação nesta fala que o discurso da meritocracia não está presente.

Um terceiro docente(a) alocado(a) no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) revela em entrevista semiestruturada, um aspecto também mencionado por docentes anteriores, de que:

“Não é possível identificar os cotistas e não cotistas em sala de aula, pois estas informações não são discriminadas nas chamadas e os docentes não tem acesso de as mesmas outra forma”

“O que se perceber também é que os cotistas, sobretudo, os negros, não querem ser identificados, certamente por temerem retaliação quanto a sua condição cotista e mesmo sobre sua condição intelectual”

Percebe-se neste momento que a identificação dos cotistas pela referida instituição de ensino, da margem a posicionamentos divergentes. Identificar ou não de maneira mais abrangente os estudantes cotistas?

Quanto a este dilema encontra-se posicionamentos de relevância que defendem a não identificação dos cotistas tanto negros quanto os demais de maneira mais aberta, pois entende-se que esta condição deve ser medida pelo próprio discente cotista. Contraditoriamente, os desfavoráveis a este posicionamento entendem que a identificação mais evidente dos cotistas pode permitir um estudo mais facilitado das políticas afirmativas e dos temas raciais quando avaliadas, por exemplo, as condições sócio educacionais dos cotistas negros, assim como, a de outras modalidades de cotas. Podendo amadurecer desta forma, as discussões sobre o sistema de cotas e as políticas afirmativas pela comunidade acadêmica.

Ainda tratando da entrevista semiestruturada apresentada acima, o entrevistado(a) afirma ainda que:

“Se os cotistas negros fossem identificados facilmente, haveria a possibilidade de ampliar as discussões raciais e enfraquecer quem sabe, o mito da democracia racial”

“Em nossa instituição há um aparato significativo de comunicação, como a rádio UESB por exemplo, e estes espaços não são utilizados para o debate acerca dos temas raciais na sociedade e na academia”

Pode-se verificar que há uma carência considerável de discussões que implementem um avanço no pensamento dos indivíduos e na maneira dos mesmos refletirem as condições sócio educacionais dos negros e a real função das ações afirmativas nesta perspectiva. O amadurecimento ideológico e crítico de tais condições

sócio educacionais deveriam estar subjacentes a formação dos sujeitos no âmbito do ensino superior, entendendo que os sujeitos que saem das universidades irão dar continuidade a preceitos adquiridos no âmbito acadêmico que servirão sobretudo, as relações sociais.

Em mais um questionário direcionado a um (a) docente encontrou-se uma fala pertinente e que corrobora com o que foi colocado até então. Ao questionado (a) sobre sua opinião acerca das políticas afirmativas para o ensino superior, o (a) docente afirmou que:

“Acredito que são válidas, mas é preciso ter maturidade nas discussões e nos encaminhamentos para não correr o risco de perder o foco e minimizar as necessidades”.

Quando questionado (a) sobre o desempenho intelectual e acadêmico dos cotistas negros, o (a) docente justificou que: “O bom ou o mau desempenho é avaliado nas condições de cada aluno. Ele, juntamente com todo o corpo da universidade, é responsável por sua formação, independente de cota.”

Esta última fala retoma um posicionamento adotado por outros docentes entrevistados. Trás com certa obviedade o discurso que afirma o caráter autônomo do desenvolvimento acadêmico. Que o mesmo depende sobretudo dos esforços individuais do discente. A questão é: até que ponto os esforços individuais de tais discentes podem vencer as barreiras institucionais, burocráticas e preconceituosas dos ambientes de ensino? Observa-se, por exemplo, que há questões pedagógicas que andam na contramão em relação a grades curriculares engessadas ou pouco flexíveis às discussões raciais, inclusão e diversidade, sobretudo, os currículos dos cursos de licenciatura plena nas áreas de educação.

O que se pode detectar com as investigações propiciadas por meio das falas dos docentes é que se reconhece que há poucos avanços nas discussões raciais quando tomado como foco o âmbito acadêmico. Contudo, se reforça o crédito as políticas afirmativas mesmo entendendo que há muitos outros entraves a serem solucionados, os quais demandam mais investimentos em bolsas estudantis e projetos que contribuam com a permanência dos cotistas na universidade.

Mas se está presente no discurso dos docentes tais posicionamentos apresentados acima, então porque os discursos preconceituosos sobre as reservas de vagas, sobretudo, para negros, encontram espaços de atuação neste ambiente?

O que pode ser considerado no tangente a este questionamento, é que muito do racismo que reverbera nos ambientes de socialização, estão velados e recobertos pela falácia da democracia racial brasileira.

A este respeito Silva afirma que:

[...] A verdade é que a ideologia da democracia racial veio complicar a situação do negro no Brasil, pois passa uma idéia de relacionamento pacífico entre as diversas etnias, deixando fora a discussão dos conflitos raciais. Essa teoria pouco tem influenciado na melhoria da condição dos negros. Serve apenas para camuflar os conflitos étnicos existentes no país, impedindo o segmento branco de refletir sobre seu próprio comportamento discriminatório [...] (2005; p. 96)

Em todos os depoimentos acima percebe-se a insatisfação dos cotistas negros com o aspecto aceitação ou com o andamento da política de cotas em alguma instância. Esta situação consiste no dilema entre brancos e negros que ainda insiste em se colocar presente na sociedade mesmo se tratando da instancia acadêmica. Há pouca reflexão sobre este quadro sócio racial e não há perspectiva de melhoras, apesar dos estudos educacionais estarem avançando neste aspecto, mas os mesmos ainda são insuficientes.

Confirmando o exposto acima, segue-se com a perspectivas dos discentes quanto a este famigerado quadro sócio educacional da Uesb.

Desdobramentos da pesquisa: o posicionamento discente

Como afirmado anteriormente, as falas dos cotistas negros da UESB, assim como dos docentes, foram alvos deste estudo, pois é reconhecido que muitas das intempéries que envolvem a realidade dos discentes cotistas negros nas universidades, só poderiam ser mais aproximadamente averiguadas se os próprios sujeitos deste cenário, professores e alunos, revelassem tais condições. Como proposto e alcançado por este estudo, as falas dos discentes demonstraram significativamente das condições da aceitação dos cotistas negros na referida instituição de ensino.

O (A) estudante de Comunicação Social com habilitação em jornalismo, em condição Irregular no curso, quando questionado (a) a cerca de sua opinião sobre a relevância e alcance do sistema de cotas, afirmou que:

“É uma grande oportunidade para aqueles jovens de comunidades quilombolas ingressarem na faculdade. Ressaltando que, quando um jovem quilombola tenta entrar em uma universidade por cotas, ele está apenas disputando aquela vaga com outros jovens quilombolas inscritos à aquele curso, como acontece com estudantes de escola pública. Então só garante sua vaga quem realmente for bem na prova. Isso que se torna fácil o ingresso na faculdade”

Em sua fala o (a) aluno (a) demonstra ter conhecimento das condições avaliativas proposta pelo sistema de cotas, conhecimento este que não é obtido de maneira esclarecedora pela sociedade e pela própria comunidade acadêmica. Pois pode-se afirmar com base nos discursos preconceituosos que reverberam socialmente e mesmo nas universidades, que o mérito intelectual dos cotistas negros é posto de lado para oportunizar o acesso dos mesmos ao curso superior.

Segundo Bezerra e Gurgel “as cotas subvertem o princípio do mérito acadêmico, sendo este para alguns, o único requisito que deve ser contemplado para o acesso à universidade” (2012)

Contudo, este discurso meritocrático ignora os fatos evidenciado nos parâmetros avaliativos desta ação afirmativa, os quais preveem que a disputa das vagas direcionadas aos estudantes afrodescendentes e quilombolas são concorridas apenas pelos candidatos na mesma condição identitária. Portanto, não há privilégios a candidatos afrodescendentes ou oriundos de remanescentes de quilombos em relação aos demais candidatos, tendo em vista que ambos não disputam das mesmas vagas, contudo, realizam as mesmas provas, e este último fator demonstra obviamente, que nenhuma injustiça é cometida, tendo em vista esta condição. Os candidatos cotistas não realizam uma prova diferenciada ou mais fácil.

Neste aspecto exposto pelo (a) discente, Bezerra e Gurgel discutem que: “Sendo as instituições de ensino, principalmente as públicas, integrante, da estrutura básica da sociedade, elas deveriam ser, à luz dos princípios com equidade, distribuidoras de oportunidades para os menos favorecidos”.

O (a) aluno(a) ainda afirma que: “Enfim, eu tive que me dedicar aos estudos da mesma forma que os estudantes de escolas públicas e privadas se dedicaram para ingressar na universidade, particularmente, acho que teria passado de qualquer forma. A diferença é que faço parte, desde que nasci, de uma comunidade quilombola e fui inscrita como tal”

Acerca do posto acima pelo (a) questionado (a) Bezerra e Gurgel afirmam que: “Aceitar e valorizar a diversidade de classes sociais, de culturas e de estilos individuais de aprender, de habilidades, de língua, de religiões, dentre outros, é a condição primordial para a criação de uma escola de qualidade para todos” (2012).

Um (a)outro(a) questionado(a) estudante de direito do V semestre, quando solicitado seu posicionamento sobre o sistema de cotas para negros na Uesb, afirmou que:

“Um sistema que embora desde 2009 tem permitido o ingresso de dezenas de estudantes negros, quilombolas e deficientes, ainda precisa ser aprimorado. Infelizmente o sistema de cotas da Uesb ainda é falho, e necessita urgentemente ser regulamentado”.

Percebe-se com esta fala que as “falhas” mencionadas pelo entrevistado(a) acerca desta ação afirmativa é percebida de maneira crítica, e apesar das mesmas não terem sido detalhadas neste depoimento, verifica-se o descontentamento no andamento desta ação afirmativa na Uesb.

Quando questionado (a) acerca do posicionamento de terceiros que afirmam que seu ingresso na universidade foi facilitado por meio do sistema de cotas, o(a) entrevistado(a) se manifesta veemente mente e diz que:

“Não tive meu acesso “facilitado”. Conquistei um lugar que é meu por direito, a política de cotas é apenas uma forma desse direito se efetivar, já que pelo sistema do ensino superior das universidades públicas, nem eu, nem outros iguais a mim, filhos de mães negras e pobres, pais negros e muitas vezes ausentes, jamais conseguiríamos adentrar ao ambiente universitário”.

Ao posicionamento acima cabe uma ressalva:

[...] Ao analisar a situação da educação do negro no Brasil, é preciso redirecionar os questionamentos das parcelas interessadas. Não se pode associar mecanicamente o sucesso escolar dos filhos à escolaridade dos pais, pois pais analfabetos têm estimulado seus filhos a terem sucesso na escola. Mas, também, não se deve ater apenas à questão familiar, é necessário fixar o olhar sobre a expansão das políticas públicas educacionais [...] (SILVA; 2005, p. 98)

Verifica-se que há um posicionamento relutante e significativo dos cotistas negros da Uesb quando direcionados a esta questão em específico. Existem clareza de pensamento e entendimento mais amplo do sistema de cotas por meio dos próprios cotistas do que por meio dos docentes. Apesar destes terem afirmado da necessidade das políticas afirmativas nas universidades e de possíveis adequações ao seu andamento. Percebe-se que as justificativas presentes nos discursos dos discentes, quando tratada esta temática, revelaram mais furor e maturidade do que nos discursos dos docentes.

O que se deseja salientar neste momento quanto a esta observação, não é que houve uma reflexão pouco crítica dos docentes entrevistados, mas que há ainda um domínio pouco palpável dos mesmos quanto a realidade do sistema de cotas para negros na Uesb. Esta observação também é aplicável à sociedade, a qual por falta de esclarecimento ou mesmo de acesso a estas informações se posiciona contrária ou ainda receosa a esta política afirmativa.

Mas quanto às manifestações racistas e preconceituosas sofridas pelos discentes negros? Elas não existem na Uesb? O que os cotistas afirmam sobre isto? Quando questionado (a) se Já vivenciou ou testemunhou ao longo da realização das atividades acadêmicas disciplinares, retaliação ou comentários preconceituosos de colegas ou docentes acerca de sua capacidade intelectual para o desenvolvimento da tarefa? O(A) cotista de direito referido(a) acima diz que:

“Diretamente não. Ocasionalmente surge alguma piada a respeito do meu segmento étnico racial, o que é rapidamente retaliado, não tolera preconceito ou racismo, vindo de quem for, ou no ambiente que for”

Refletindo o apresentado acima considera-se que “O racismo camuflado é traiçoeiro: não se sabe exatamente de onde vêm. Tanto pode se manifestar nos regimes autoritários quanto nos democráticos” (CARNEIRO, 1997, p.07).

Segundo Bezerra e Gurgel acerca da situação exposta acima “Acredita-se que a inserção dos discentes de classes excluídas, dentro das universidades, e a sua aceitação pelo grupo tradicional ali existente contribuem de forma especial para a melhoria do desempenho acadêmico” (2012)

O(A) cotista de agronomia sobre este questionamento afirmou que: “Comigo não diretamente, mas é constante comentários preconceituosos sobre os estudantes cotistas”

Os demais entrevistados argumentaram negativamente sobre o questionamento exposto acima. O podemos perceber é que algumas manifestações racistas e preconceituosas são facilmente evidenciadas, entretanto, as outras são veladas e possíveis de percepção, apenas por meio do senso aguçado e entendimento dos que sofrem tais rejeições, e esta perspectiva serve tanto para os discentes negros cotistas, quanto para os docentes negros, ambos da Uesb.

O(A) cotista de física para responder a este questionamento se referiu ao caso recente de fraude de documentação de uma estudante de medicina da uesb, a qual se utilizou da reserva de vagas para negros de origem quilombola para garantir sua entrada no ensino superior.

O(A)cotista se referiu a este caso para indicar os cuidados exigidos do órgão competente da universidade, para garantir uma fiscalização eficiente e punitiva em compromisso com a lisura desta seleção e, sobretudo, desta política afirmativa.

Em suas palavras o mesmo afirma que: “Mais tem o caso de medicina na UESB, que a menina se dizia quilombola, sendo que não era, mas ainda bem descobriram a fraude, o aluno quilombola que merecia a vaga por direito, conseguiu desmascarar essa menina”.

Sobre seu posicionamento quanto ao sistema de cotas o(a) cotista diz que: “É um direito garantido por lei, então não podem me tirar isto. É um sistema muito bom, porque com ele nós negros podemos ingressar em uma faculdade, coisa que anos atrás era meio complicado”.

Observa-se que existência de grande barreira sócia educacional vencida por eles através desta política afirmativa está presente de maneira frequente nas falas dos cotistas negros questionados,

Diante desta condição, a política afirmativa de reserva de vagas nas universidades veio minimizar a desigualdade educacional. Isto não identifica uma

“facilidade” garantida a eles por meio desta ação afirmativa, mas sim, uma impossibilidade histórica intransponível por indivíduos pobres e de pele escura.

Uma barreira fortemente montada por uma minoria aristocrata e burguesa, a qual mantemas injustiças de outrora e as da atualidade, acometidas aos indivíduos negros.

A discussão educacional em vários níveis de ensino deve adentrar as questões raciais no intuito de superar a discriminação. A este respeito trata Silva que afirma:

[...] Como bem afirmou Florestan Fernandes, o branco deve se conscientizar de seu comportamento preconceituoso, e o negro precisa aprender a não se eximir dos efeitos nocivos do racismo existentes no Brasil, pois só assim, poderão coexistir como cidadãos de uma sociedade multirracial. E a escola tem papel fundamental neste processo [...] (2005, p. 98)

Não diferente do papel atribuído à escola, também a universidade atribui-se esta tarefa, a de proporcionar a coexistência harmônica e de respeito entre brancos e negros, fortalecendo os pressupostos da constituição e das políticas afirmativas em prol de uma sociedade multirracial menos racista.

Assim, esta presente nas considerações abaixo, as quais consideraram o posicionamento dos negros cotistas da Uesb quanto ao cenário de sua aceitação como intelectuais, militantes cidadãos na academia.

Vertente cotista: críticas pertinentes à realidade da aceitação das minorias negras na Uesb

Como proposto por este estudo, o maior interesse do mesmo era oportunizar as falas de docentes e cotistas da universidade ao que tangia as finalidades pretendidas, contudo, como o objeto da investigação é a realidade da aceitação das capacidades intelectuais e cognitivas dos cotistas negros na Uesb, neste momento é dada uma atenção especial aos cotistas negros, entendendo que só escutando e acentuando seus argumentos e posicionamentos, seria possível se aproximar efetivamente do objeto de pesquisa indicado.

Tendo esclarecido o posicionamento acima exposto, segue-se fragmentos sem interrupções da entrevista concedida pelo(a)r cotista negro(a) estudante de direito do quinto semestre, envolvido(a) com movimentos sociais afro indígenas, o(a) qual empenha-se em elevar as discussões raciais nos âmbitos acadêmico e social.

Quando feito o questionamento sobre o que o(a) entrevistado(a) tem percebido acerca da aceitação do sistema de cotas como política afirmativa, por meio da comunidade acadêmica e da sociedade? o(a) mesmo(a) respondeu que:

“No meio acadêmico o assunto políticas afirmativas é um assunto sensível a ser tocado porque há uma resistência da comunidade acadêmica a esta política, principalmente nos cursos mais concorridos, como direito e medicina. A maioria deles acham que estamos lá por um favor social. Mas todo este preconceito subjetivo existe por falta de conscientização política, uma vez que a própria Uesb é um modelo elitizado, não se preocupa com as pessoas que estão em outra dimensão social que pertencem a grupos específicos como os indígenas e quilombolas.”

Ainda é dito que: “Falta à universidade se preocupar com estes povos diretamente. Não têm campanhas políticas, seminários de cunho social. Quando proposto por mim, como representante destes grupos, um debate acerca destas questões a Uesb e outras universidades estaduais, a Uesb foi a que menos apoiou e abraçou a causa. Como resultado desta investida, o seminário ficou alocado apenas no campus de Conquista e não se abrangeu as outras universidades. Isso nos demonstra que mesmo a Uesb tendo implantado o sistema de cotas, não se esforça para dar condições ao debate e mesmo a permanência dos estudantes cotistas na instituição.

A este respeito melo Silva diz que:

[...] Em nível legal, embora a coibição de manifestações de racismo seja importante, ela não basta para transformar ideologias arraigadas no imaginário da população brasileira. Por isso, muitos estudiosos têm apontado para a necessidade de se dar maior atenção ao processo educativo que se desenvolve em várias instâncias da convivência humana. [...] (2005, p. 97)

O (A) entrevistado (a) aproveita e discorre que: “Neste debate entram as questões de assistência a pessoas específicas e isto reverbera dentro dos cursos, quando nossas colegas transmitem para gente os mesmos sentimentos, o de “favor”, “caridade social”. Na verdade esta é uma política que a universidade ainda precisa regular.”

Na graduação você percebe uma abertura para as discussões raciais por meio do trabalho pedagógico das disciplinas ou mesmo através de debates, palestras ou projetos acadêmicos dentre outras estratégias?

“Eu não tive conhecimento que no meu curso existiam projetos, debates, seminários ou outros eventos que proporcionassem discussões raciais ou de inclusão.”

Você é vinculado (a) a algum grupo militante ou movimento social?

“Na minha comunidade eu sou ligado (a) a Associação de Moradores e já fui coordenador (a) geral da mesma. Membro (a) do Conselho de Igualdade Racial representando os povos indígenas, tendo em vista que minha comunidade é afro indígena. Membro (a) também do Conselho Municipal da Juventude Rural e do Conselho das Comunidades Quilombolas de Vitória da Conquista - BA. Atualmente participo dos movimentos relacionados ao cursinho pré-vestibular e a juventude quilombola.”

Fale um pouco das suas origens culturais e trajetória estudantil até chegar à graduação através da reserva de vagas.

“Sempre estudei em escolas publicas de periferias ou rurais e infelizmente ambas não tem a mesma qualidade de ensino. No ensino médio eu tive que trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Por alguns meses fiz o cursinho pré-vestibular quilombola no período da noite e esta foi a primeira e única turma que teve”.

“O meu ingresso na universidade só foi possível por razão do sistema de cotas porque o ensino que obtive era diferente em relação às pessoas que viviam em uma outra realidade educacional, com mais qualidade. Não foi a minha incapacidade de passar no vestibular que me fez recorrer as cotas, mas sim as condições diferentes de concorrência. A qualidade do estudo, mesmo em relação aos candidatos que estudaram em escola pública e a necessidade de conciliar estudo e trabalho.”

Considerando o exposto acima, Gonçalves diz que:

[...] No ideário de luta dos negros brasileiros a educação sempre ocupou lugar de destaque: ora vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho; ora, como veículo de ascensão social e, por conseguinte de integração; ora como instrumento de conscientização por meio do qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura de seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direito à diferença e respeito humano. [...] (GONÇALVES, 2000, p. 335)

“A minha situação não é diferente a de muitas pessoas que precisam conciliar estudo com trabalho, principalmente nos cursos com maior concorrência, a exemplo de direito. Muitas pessoas da minha comunidade não conseguiram continuar os estudos. Alguns não terminaram o ensino médio e outros terminaram, mas logo tiveram que ser recrutados ao mercado de trabalho e não continuaram estudando, por razão das dificuldades financeiras em casa ou por não terem o dinheiro do transporte para a escola.”

Quando você percebe as suas origens sócio culturais e raciais representadas na sociedade e na universidade?

“Para mim ainda é um pouco vago e abstrato falar de como eu me sinto representado(a) na sociedade. Por exemplo, eu não acho que os movimentos sociais nos representam de uma maneira honesta. Os envolvidos neles querem crescer e ganhar visibilidade, mas são captadores. Eu não gosto muito desta política que só faz barulho e pouca prática e não tem nossas pautas como prioridades. Na universidade ainda não me sinto representado(a), ainda somos minorias, apesar de alguns estudantes negros se fazerem reconhecidos na mesma. Contudo, na sociedade as questões quilombolas e o próprio indivíduo quilombola são assuntos distantes. Sendo assim, eu não posso me sentir representado(a) na sociedade e na universidade.”

Quais as suas perspectivas profissionais e acadêmicas após o termino da graduação?

“O meu objetivo na escolha da graduação que eu faço, era trazer retorno a minha comunidade e a outras comunidades quilombolas, advogando ou envolvido(a) em questões sociais. Ainda não sei em que área especifica do direito, mas quero voltar para meu povo, fazendo um diferencial.”

É relevante observar os objetivos que cercam a vida dos militantes negros na sociedade e na academia. A preocupação de evoluir de alguma forma a situação social

Revista Eletrônica Georaguaia. Barra do Garças-MT. V 6, n.2, p. 61 - 94. Agosto/Dezembro. 2016

dos seus pares é significativamente importante. Esta deve ser a meta na formação de todos os indivíduos em fase de graduação ou de pós-graduação. Deve também ser o empenho das ações políticas e sociais, as quais muitas vezes desviam seus propósitos em prol de interesses de cunho político.

O que revela a Copeve

Ao consultar a fonte documental da Comissão Permanente do Vestibular da Uesb, se depara com um grande número de livros constando informações referentes aos vestibulares da Uesb tanto dos anos mais recentes quanto dos mais longínquos. Ambos sendo fornecidos pela Consultec, empresa responsável pela elaboração das provas de vestibular da Uesb em todos os campi. Foram consultados os registros dos vestibulares entre os anos de 2009 e 2015 e ambos apresentavam o número de inscritos no vestibular segundo as modalidades de reserva de vagas.

Entre outros aspectos destes registros, se deparou também com uma tabela constando o número de inscritos e a situação destas inscrições por curso. Logo abaixo vinha um gráfico circular desta tabela indicando em porcentagens os valores indicados na tabela

Por último na descrição deste documento, está presente um pequeno texto explicativo, o qual revela também em porcentagem uma interpretação dos dados presentes no gráfico

Exemplo desta interpretação:

[...] Para esta população, o índice desta abstenção ficou e torno de 13%. Dos 1.933 candidatos presentes, 63% alcançaram argumento de classificação, o que corresponde a 1.216 candidatos, e apenas 14% destes foram convocados. Foram eliminados cerca de 4% dos candidatos por obterem rendimento nulo em qualquer uma das provas, 13% foram eliminados pelo ponto de corte estabelecido para a prova de redação e 10% pela prova de língua portuguesa.[...] (CONSULTEC; 2015, p.87).

Percebe-se que estas informações estão precisamente preocupadas com o número de candidatos presentes e ausentes no vestibular em casa dia de prova e por cada disciplina, estas últimas são descritas em uma tabela intitulada “Média por Disciplina e por Curso”, esta média se refere aos candidatos presentes.

De antemão o objetivo deste estudo era além de encontrar informações da natureza descrita acima, objetivava também uma comparação do desempenho nas provas do vestibular dos candidatos as cotas raciais e não optantes as cotas, contudo, os

registros desenvolvidos pela Consultec não contam com dados do desempenho dos candidatos nas provas.

Esta deficiência se tornou um grande obstáculo ao maior objetivo desta pesquisa, que seria o enfraquecimento do discurso meritocrático nos ambientes acadêmicos e sociais, por meio de informações pertinentes que demonstrassem que não há minimização intelectual dos candidatos às cotas raciais em relação aos não optantes pelas cotas.

É importante frisar também que o nome dos candidatos não é identificado nestes registros, apenas a sua situação de presença ou ausência das provas.

Após ter identificado este obstáculo, foi necessário alterar a coleta dos dados e direcionar a pesquisa de maneira mais afunilada para os dados referentes à modalidade “cota: optante étnico”, já que o comparativo pretendido não seria mais possível.

O que podemos assegurar é que os estudos de natureza raciais e sobre a reserva de vagas na Uesb poderão se debruçar apenas no número de candidatos negros que conseguem entrar na universidade todos os anos. E que previamente já podemos afirmar que não é um número expressivo tendo em vista os candidatos que desistem no meio das avaliações e os que nem conseguem chegar às avaliações do vestibular, por que se deparam com dificuldades financeiras e de acesso a uma educação de qualidade e igualitária. .

Conclusões

O que se pode salientar acerca dos resultados desta pesquisa, sobretudo, acerca da aceitação das capacidades intelectuais e cognitivas dos negros cotistas na Uesb, o qual foi o questionamento foco deste estudo, bem como a avaliação teórica e conceitual dos estudos sobre as ações afirmativas para inserção sócio educacional dos negros e os avanços das discussões raciais e reservas de vagas, é que o preconceito baseado na meritocracia ainda reverbera em muitas instâncias sociais e acadêmicas .

Na Uesb campus de Vitória da Conquista-BA, os discentes brancos ainda se relacionam com os negros cotistas velando ou camuflando os discursos racistas e preconceituosos. Já os docentes entrevistados e questionados apresentaram bons posicionamentos quanto às reservas de vagas e outras ações afirmativas que tangem garantir os direitos do cidadão e do negro estudante universitário cotista ou não cotista.

Entretanto, apenas um deles demonstrou obter discurso e posicionamento amparados por leituras e debates direcionados aos temas raciais, as reservas de vagas e a situação de permanências dos negros cotistas. Uma pena observar que assim como uma grande parcela da sociedade não tem acesso a estes debates em casa e na escola de maneira frequente e mais adequada, também os professores não estão suficientemente próximos das leituras sobre o racismo e a inclusão de negros no Brasil. Desta forma, portanto, muitas de suas falas são pertinentes, mas ainda vagueiam em lugares comuns com pouco aprofundamento.

É verificável que grande contribuição nos proporcionou as entrevistas semi-estruturadas e os questionários com os discentes negros cotistas, pois revelaram de maneira mais profunda e distante do senso comum o trato com as temáticas raciais e de inclusão. Eles conseguiram por meio de relatos das próprias experiências de vida e das dificuldades de ingresso a universidade e ao mercado de trabalho, revelar consistentemente as dificuldades enfrentadas no meio acadêmico e escolar.

Quanto as análises da documentação da Comissão Permanente do Vestibular da Uesb pode-se perceber que a ausência do desempenho dos candidatos cotistas e não cotistas é um grande entrave para desmistificar os discursos meritocráticos. Tais dados informam apenas o número total de candidatos inscritos e desistentes em cada ano, curso e campus respectivamente.

Desta forma, os dados meramente superficiais elaborados pela empresa responsável por desenvolver as provas de vestibular da Uesb, a Consultec, e transmiti-los para a Copeve, demonstram não ser suficientes para proporcionar uma quebra de tabu sobre o desempenho dos candidatos que concorrem as reservas de vagas e os que não concorrem.

Acerca do amadurecimento teórico e conceitual dos estudos educacionais relacionados as ações afirmativas, as questões raciais e sistema de cotas, pode-se afirmar que avançaram consideravelmente quanto a observação dos obstáculos que ainda cercam a política de reserva de vagas e os avanços já conquistados pela mesma, contudo, ainda se apresentam em um número insuficiente para se tornar um debate que alcance a sociedade de maneira mais abrangente e, sobretudo, a própria academia.

Podemos afirmar então, que o estudo realizado sobre a aceitação dos negros cotistas na Uesb revelou que há ainda muito o que caminhar em prol de proporcional amadurecimento de pensamento quanto as questões raciais e ações afirmativas para os negros e minorias nas universidades brasileiras.

A cada dia fica mais emergente este amadurecimento de pensamento estar presente na própria universidade, a qual ainda prioriza os estudos e pesquisas direcionados a avanços econômicos ligados aos setores primários e secundários do país.

Referências

BARRETO, Paula Cristina da Silva. As políticas anti-racistas em debate. USP Universidade de São Paulo. O público e o privado - Nº 3 - Janeiro/Junho – 2004. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=BARRETO%2C+Paula+Cristina+da+Silva.+As+pol%C3%ADticas+antiracistas+em+debate.+USP+Universidade+de+S%C3%A3o+Paulo.+O+p%C3%BAblico+e+o+privado+-+N%C2%BA+3+-+Janeiro%2FJunho+%E2%80%93+2004>. Acesso em: 26 de janeiro 2016.

BEZERRA; Teresa Olinda Caminha, GURGEL; Claudio Roberto Marques. A política pública de cotas em universidades, enquanto instrumento de inclusão social. Revista Pensando e realidade Ano XV – v. 27 nº 2/2012. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=gurgel+e+bezerra+artigo+sobre+sistema+de+cotas> Acesso em: 8 de setembro de 2016.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto, 1994.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O racismo na História do Brasil – Mito e realidade. 5ª Edição. São Paulo: Ed. Ática. 1997.

CONSULTEC - Consultoria em Projetos Educacionais e Concursos LTDA. Relatórios do vestibular da UESB. 2015,p.87.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. A questão racial na escola: representações dos agentes da escola sobre os conteúdos etnicoculturais. Unama Universidade da Amazônia, Belém. 2010. Disponível em: <<http://www.unama.br/editoraunama/images/stories/livro/a-questao-racial-na-escola.pdf> > Acesso em: 8agos. 2015.

GUIMARÃES, A.S.A. 1999. Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos, In: Guimarães, A.S.A., Racismo e Anti-Racismo no Brasil. São Paulo: FUSP/Editora 34, 195-224.

GONÇALVES, Luís Alberto de Oliveira. **Negros e educação no Brasil**. In: LOPES, Eliana Lima Teixeira, (org.) 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: 2000, Ed. Autêntica. P. 335 a 346.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 2015.

JESUS, Stela de. SOUZA, Fernanda Dione Sales de. COSTA, Glauber Barros Alves. A formação docente de geografia diante dos anseios da educação inclusiva na contemporaneidade: Revista Extensão & Cidadania Vitória da Conquista v. 1, n. 2 p. 85-104 jul/dez. 2013.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/68/05-kabengele-munanga.pdf>> Acesso em: 8 ago.

NUNES, Cláudio Pinto. **As ciências da educação e a prática pedagógica: sentidos atribuídos aos estudantes do curso de pedagogia**. Natal, 2010. Tese de Doutorado em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira. BRISOLA, Elisa Maria Andrade. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisa. Revista Univap – revista.univap.br. São José dos Campos-SP-Brasil, v. 20, n. 35, jul.2014. Disponível em<<http://revista.univap.br/index.php/revistaunivap>> ISSN 2237-1753

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir,

CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira. Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA; Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em:<https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=petronilha+silva+artigo> Acesso em 8 de setembro de 2016.

Recebido para publicação em 20/09/2016

Aceito para publicação em 05/10/2016